

BRAÇO PROTETOR OU MÃO INVISÍVEL?
PRÓS E CONTRAS DA FORMAÇÃO DE COOPERATIVAS DE CATADORES DE LIXO:
UMA COMPARAÇÃO ENTRE BRASIL E INDONÉSIA¹

Freek Colombijn and Martina Morbidini

Introdução

O renomado especialista em resíduos sólidos urbanos Martin Medina tem argumentado, com certa cautela, que “a formação de cooperativas de catadores pode resultar em desenvolvimento de base, redução da pobreza e proteção ambiental” (MEDINA, 2000, p. 58). Embora o tamanho do trabalho dos catadores seja difícil de se medir com exatidão e seja distinto de cidade para cidade, há pouca dúvida de que eles desempenham um papel importante na coleta e reciclagem de resíduos sólidos urbanos no Sul Global. Os catadores contribuem de maneira significativa para tornar as cidades mais habitáveis e ecologicamente sustentáveis. Apesar da importância de seu trabalho, os catadores de resíduos sólidos são vulneráveis em vários aspectos e Medina (2000) considera que as cooperativas irão ajudá-los.

De acordo com Medina (2000), as cooperativas são úteis para seus membros por diversas razões. Indústrias de processamento de materiais recicláveis lidam somente com comerciantes que podem oferecer volumes adequados de resíduos sólidos. Esses comerciantes operam em um mercado monopsonista, caracterizado por um comprador e muitos vendedores. Em consequência dessa realidade, os catadores têm de aceitar preços baixos por seu trabalho.

1 Tradução de Carla Pires Vieira da Rocha.

As cooperativas de catadores podem coletar volumes importantes de resíduos, contornar intermediários e também lidar diretamente com as indústrias que processam os materiais recicláveis. Na Colômbia, um movimento muito dinâmico, unindo mais de uma centena de cooperativas, é um caso que retrata ainda outros benefícios: oferta de empréstimos, assistência jurídica e comercial, bem como melhoria das condições de trabalho. Além disso, as cooperativas podem contribuir para melhorar o status social de seus membros. Em Manila (Filipinas), por exemplo, os catadores de uma cooperativa usam uniformes verdes e são chamados de “eco-ajudantes”. Já em Chennai (Índia), são chamados de “embelezadores de rua”. Afora o que foi mencionado, manter os catadores de resíduos sólidos unidos em uma cooperativa pode discipliná-los e estancar o despejo ilegal de resíduos coletados por eles (MEDINA, 2000, p. 59-64); ver, também, Carmo e Oliveira (2010) e Gutberlet (2009). Mesmo em face das vantagens das cooperativas de catadores acima apontadas, é surpreendente que, em Belo Horizonte, uma das cidades referenciadas por Medina (2000) pelo bom funcionamento das cooperativas, muitos catadores tenham ficado de fora dessas associações. Dos 5.000 catadores informais estimados trabalhando na região metropolitana de Belo Horizonte, somente cerca de 500 estão organizados em cooperativas que integram o Fórum Municipal Lixo e Cidadania Cidadania (tabela 21) (DIAS, 2011, p. 5; IBGE, 2008). Talvez seja ainda mais surpreendente que, na Indonésia, nas cidades de Surabaya e Semarang, não se encontre nenhuma cooperativa de catadores, apesar de muitas dessas associações terem sido promovidas pelo Estado, enquanto modelos de negócios eminentemente adequados às condições econômicas e costumes culturais vigentes no país (LINDBLAD, 2008, p. 91-92, 215). Na verdade, existem hoje, na Indonésia, muitos outros tipos de cooperativas. Em uma outra grande cidade do país, Bandung, uma

cooperativa de catadores de resíduos sólidos foi desfeita depois de algum tempo (NAS e JAFFE, 2004, p. 341).

Cientistas sociais oferecem suporte teórico contraditório em favor de mais ou menos organização formal de trabalhadores marginalizados – como catadores de lixo, por exemplo –, em cooperativas ou sindicatos. O conceito de “capital social” era inicialmente focado nos aspectos positivos de formas institucionalizadas de cooperação social e econômica de indivíduos (COLEMAN, 1988; LIN, 1999; SOMERVILLE, 2011, p. 51-63). As cooperativas têm sido consideradas meios culturalmente apropriados para organizar o capital social, levar desenvolvimento para as economias informais africanas e se tornaram um modelo para a produção econômica em países comunistas na Ásia (MEAGHER, 2005; PORTER e LYON, 2006; RIGG, 2007, p. 173).

Logo foi reconhecido que várias formas de cooperação, todas denominadas “capital social”, podem ter também consequências negativas, tais como a exclusão de pessoas de fora e a exploração de outros marginalizados. *Free riders* (caroneiros) formam um outro revés das cooperativas (PORTES, 1998; PORTER e LYON, 2006). Camponeses em cooperativas vietnamitas desdenham: “Todos trabalham tão duro como dois, de modo que o presidente pode comprar um rádio e uma bicicleta. Todos trabalham tão duro como três, de modo que a equipe pode construir uma casa e um pátio” (RIGG, 2007, p. 174). Essa ironia é um bom exemplo de “resistência cotidiana” à opressão dos trabalhadores marginalizados. De acordo com James Scott, tal resistência se beneficia de uma falta de organização formal, quando, então, os trabalhadores podem mais facilmente fugir ao controle e à vigilância (1985).

Na tentativa de entender o paradoxo segundo o qual, apesar das aparentes vantagens das cooperativas de catadores, nem todas as pes-

soas que fazem esse trabalho nas cidades que conhecemos melhor são membros de uma cooperativa, pretendemos fazer um estudo comparativo de catadores de resíduos em Belo Horizonte e Surabaya. Como veremos adiante em mais detalhes, Belo Horizonte e Surabaya formam um par perfeito para comparação, em razão do diferente grau de formalização da coleta de resíduos em ambas as cidades.

Em um estudo que os acompanhe em diferentes momentos ao longo do tempo, esperamos entender as escolhas individuais dos catadores de resíduos sólidos, que os levam a participar ou não de uma cooperativa, e também estudar os altos e baixos das cooperativas ao longo do tempo. Entretanto, na fase exploratória atual da pesquisa, queremos nos concentrar em um estudo sincrônico, a respeito de como a formalização gera impactos no trabalho dos catadores. Michael DiGregorio (citado por NAS e JAFFE, 2004, p. 339) afirma que a coleta de materiais recicláveis tem apenas duas características comuns: “um reconhecimento dos resíduos como recursos e um grau variável de opróbrio social”. Em nossa comparação, vamos manter o foco sobre estes dois aspectos comuns: lixo como um recurso (econômico), portanto, renda, e o baixo status social dos catadores. Nós vamos adicionar um terceiro aspecto, nomeadamente, a contribuição dos catadores para a limpeza das cidades.

Brasil e Indonésia como casos comparáveis

Visando a uma comparação, é necessário buscar casos cujos aspectos fundamentais sejam similares (o que é um pré-requisito para a comparação), mas, em outros aspectos, sejam distintos. Isso possibilita entender melhor como certos fatores podem fazer a diferença. Brasil e Indonésia formam um par. Os dois países são grandes, respectivamente, o quinto e quarto países mais populosos do mundo.

Ambos são ricos em recursos, têm um passado colonial e são hoje considerados parte do Sul Global.

Os dois países são economias emergentes, embora o Brasil, neste quesito, tenha se desenvolvido mais além que a Indonésia. No Brasil, o tamanho da economia é maior, os rendimentos *per capita* são mais elevados e o processo de urbanização também tem um avanço mais significativo (tabela 1). Entretanto, nos últimos cinco anos, enquanto o crescimento econômico abrandou no Brasil, na Indonésia ele tem se mantido em um mesmo ritmo.

Tabela 1
Key economic and social figures of Brazil and Indonesia

	Brazil	Indonesia
Total GDP (2014) in million US\$	2,346	888
GDP per capita in US\$	11,385	3,492
GDP percentage growth (2011-2015)	0.1	5.0
Urban population (as percentage of total population)	85	53
Percentage population in agglomerations of more than 1 million residents	39	10

Source: data.worldbank.org/indicator, accessed 7 November 2015.

Uma diferença importante pode ser encontrada na desigualdade social. O índice de Gini do Brasil é de 51,9 (2012), um dos mais altos do mundo, ao passo que a Indonésia tem uma sociedade mais igualitária, com um índice de Gini de 36,8 (2009).² Todavia, este número talvez esconda mais do que revela. Ambos os países têm sinais visíveis

² Disponível em: www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/. Acesso em: 7 nov. 2015.

de riqueza e pobreza extremas, tais como condomínios fechados, clubes de golfe de luxo, centros comerciais, dos quais pessoas pobres e mendigos são banidos. Assim como em ambos os países há uma grande classe média com altos níveis de consumo, há, também, muitos catadores.

Belo Horizonte e Surabaya são comparáveis em muitos aspectos. Belo Horizonte (quarta maior cidade do Brasil) tem 2,5 milhões de habitantes e Surabaya (segunda maior cidade da Indonésia), 2,9 milhões de habitantes. Embora Belo Horizonte seja uma cidade do interior, planejada no início do século XX para ser a nova capital localmente centralizada do estado federal de Minas Gerais, e Surabaya, uma antiga cidade portuária, ambas desenvolveram economias mistas, seguindo o modelo de todas as grandes cidades.

Os dados para este artigo foram recolhidos através de uma combinação de métodos antropológicos e qualitativos. Martina Morbidini fez trabalho de campo em Belo Horizonte de janeiro a março 2014 (e viveu nesta cidade por seis meses entre os anos de 2011 e 2012). Freek Colombijn fez trabalho de campo intermitente com passagens de três semanas em Surabaya desde 2009 e fez trabalho de campo adicional em Florianópolis, Brasil (2012) e Semarang, Indonésia (2009 e 2010).

Eficiência da coleta de resíduos sólidos

Martin Medina (2000, p. 52) estima que entre 50 e 80 por cento do lixo gerado nas cidades do Terceiro Mundo sejam coletados. A ampla margem de incerteza nessa estimativa e o fato de que o número é citado em muitas outras publicações são indicadores de que, na verdade, é muito mal conhecido o quão eficientemente os resíduos sólidos estão sendo coletados. David Wilson et al. (2009) observam que as taxas de reciclagem em cidades de países em desenvolvimento

talvez sejam ainda mais confiáveis do que no Norte, tanto mais porque o setor informal, por definição, não mede o seu desempenho. Não obstante, eles apresentam uma taxa de reciclagem na faixa de 20 a 50 por cento (WILSON et al., 2009, p. 634).

Gostaríamos de ter contado com dados confiáveis sobre o volume de resíduos sólidos produzidos, a porcentagem que está sendo coletada, assim como a porcentagem que está sendo reciclada (e, para medir a eficiência, o esforço no tempo ou dinheiro investido em tratamento de resíduos). Na ausência de tais dados, só podemos fazer uma estimativa impressionista sobre a eficiência da coleta de resíduos sólidos em Belo Horizonte e Surabaya. Antes, porém, vamos esboçar os respectivos sistemas de coleta de resíduos sólidos.

O sistema formal de coleta de resíduos sólidos em Belo Horizonte é uma parceria público-privada; o departamento de limpeza urbana é responsável pela coleta e transporte de resíduos sólidos e a gestão de aterros sanitários é uma parte terceirizada para empresas privadas e outra parte gerida pelo estado. O SLU (Superintendência de Limpeza Urbana) é responsável pelo gerenciamento dos resíduos de Belo Horizonte. SLU é uma autoridade municipal de propriedade estatal, mas tem terceirizado muitas das suas tarefas para empresas privadas. O lixo doméstico é recolhido diariamente nos nove distritos (Seções de Operação) que dividem a cidade, enquanto os resíduos recicláveis são coletados apenas em alguns bairros residenciais desses distritos em um dia fixo da semana. Em vilas, favelas e outros aglomerados urbanos com acessibilidade restrita, a coleta de lixo é feita com carrinhos de mão nos becos internos acessíveis e com caminhões compactadores de lixo nas ruas adjacentes mais amplas. Resíduos indiferenciados são levados para o aterro sanitário (CTRS) na periferia norte da cidade ou, então, para um dos muitos aterros semi-isolados. O aterro histórico de Belo Horizonte, inaugurado em 1975, foi de-

clarado esgotado e oficialmente encerrado em 2007. Atualmente, ele recebe materiais de compostagem provenientes da cidade.

O lixo reciclável é separado pelas famílias em caráter voluntário. Os resíduos coletados são levados a sete cooperativas selecionadas e a associações de catadores de resíduos. A SLU cobre as despesas com máquinas e aluguel dos depósitos. Os catadores associados nessas cooperativas separam os materiais recicláveis e revendem aos intermediários ou diretamente às fábricas.

O setor informal da coleta de resíduos envolve catadores, catadores associados em cooperativas, comerciantes de resíduos e revendedores. Muitos catadores procuram por materiais recicláveis em caixas de lixo nas ruas ou em aterros sanitários, a fim de revender os materiais, principalmente latas ou garrafas PET, para os empresários que agem como intermediários para as fábricas privadas. Os catadores operam em cooperativas ou associações, trabalham em depósitos para a SLU ou coletam por conta própria com seus carrinhos de mão os materiais recicláveis entre os resíduos indiferenciados descartados pela coleta formal, geralmente selecionando papelão e plástico. Muito do lucro das associações tem ligação com a ausência de intermediários para revender os materiais e, portanto, estas detêm um papel mais competitivo no processo de negociação, mas mantêm uma estrutura informal de associação e de responsabilidade individual com relação aos materiais coletados/selecionados para revenda.

Em Surabaya, a coleta de resíduos sólidos começa no nível RT. Um RT (*rukung tetangga*) é a menor unidade administrativa e normalmente consiste em um bairro com cerca de uma centena de casas. As famílias do bairro pagam conjuntamente um homem ou uma mulher que recolhe o lixo de porta em porta. Geralmente, os resíduos sólidos são coletados diversas vezes por semana. Este catador acumula os resíduos em um carrinho de mão e, depois, despeja, o material em um TPS (*Tempat Pembuangan Sampah Sementara*) ou ‘Local Tem-

porário de Eliminação de Resíduos' (existem cerca de 170 em Surabaya). A partir desta etapa, o município assume e os caminhões do Departamento de Limpeza Municipal transportam os resíduos dos TPS até o aterro final, localizado na orla do município. Inicialmente, o próprio município administrava o aterro sanitário, mas, desde 2012, uma empresa privada (*PT Sumber Organik*) foi contratada para gerir o aterro. O sistema formal de coleta de resíduos sólidos em Surabaya é uma parceria público-privada com uma cadeia simples que vai de milhares de bairros, passando pelo Departamento de Limpeza Municipal, até uma empresa que gerencia o aterro.

A prática é infinitamente mais complicada e variada do que no sistema formal, com dezenas de papéis formais e informais compondo o sistema de tratamento do lixo (COLOMBIJN, 2015). Os catadores (*pemulung*) e revendedores de resíduos (*pengepul*) operam ao longo da cadeia. Por exemplo, alguns catadores vão de lixeira em lixeira, ao longo das vias públicas, em busca de resíduos vendáveis. Frequentemente, são especializados em um só material, como copos de plástico. É interessante notar que as pessoas que recolhem o lixo dos bairros dividem seu tempo entre a coleta e a seleção de resíduos no TPS. Outros catadores operam no aterro ou no local final onde são dispostos os resíduos. Alguns bairros com uma forte consciência ambiental puseram um banco de resíduos, onde o lixo doméstico é recolhido e selecionado. Objetos que podem ser reutilizados diretamente, como garrafas de perfumes e de cervejas, giram em torno de seus próprios circuitos. No aterro, vacas são arrebanhadas e contribuem para a transformação dos resíduos orgânicos.

Como já foi mencionado, não há meios para que possamos medir a eficiência da coleta de resíduos e a taxa de reciclagem em Belo Horizonte e Surabaya. No entanto, a partir do que vimos, apresentamos a seguinte hipótese: em Belo Horizonte, a taxa de reciclagem é me-

nor do que em Surabaya, precisamente porque a coleta de resíduos e o papel dos catadores é mais formalizado. Em Belo Horizonte, os catadores trabalham, em sua maior parte, com o que já foi separado pelas famílias. Esta “proto-separação” nas famílias é dependente da boa vontade dos cidadãos. Materiais recicláveis são separados de outros resíduos, principalmente no dia em que são recolhidos pelo Departamento de Limpeza Urbana. Nos outros dias, na maioria das vezes, são descartados com os demais resíduos.

Em contrapartida, na cidade de Surabaya, o Estado retirou-se quase totalmente da função de coleta de resíduos sólidos, exceto no que se refere ao transporte do TPS para o aterro. A cada passo no movimento do lixo, alguém vai estar buscando resíduos e separando o que pode ser vendido. Por causa dessas condições neoliberais vigentes em Surabaya, a taxa de reciclagem deve ser muito mais alta que em Belo Horizonte.³ Cada movimento do lixo em Surabaya está aberto à iniciativa privada, impulsionada pelo mercado.

Embora possamos afirmar com bastante segurança que a taxa de reciclagem é consideravelmente mais alta em Surabaya do que em Belo Horizonte, não temos tanta certeza com relação à taxa de coleta. No entanto, é plausível pensar que também a taxa de coleta seja mais alta em Surabaya que em Belo Horizonte. É sabido que, no Brasil, os departamentos de limpeza municipal não atendem áreas que são economicamente pobres (e, em consequência, consideradas perigosas) ou inacessíveis (como favelas com vielas estreitas, sinuosas). Do mesmo modo, catadores informais também não voltam a atenção para os bairros pobres em Belo Horizonte, preferindo trabalhar em zonas mais prósperas, onde os resíduos são mais valiosos. Por outro

3 Vale observar que Martin Medina (2010, p. 7) cita uma estimativa não especificando que os catadores de resíduos na Indonésia reduzem o volume do que é finalmente eliminado, portanto, reciclado, em um terço.

lado, na Indonésia, a organização de bairro RT, responsável por recolher os resíduos de porta em porta, é onipresente e os carrinhos podem entrar, mesmo em caminhos estreitos. A julgar pela eficiência na coleta de resíduos sólidos, a mão invisível do mercado aberto em Surabaya parece funcionar melhor do que a mais formalizada em Belo Horizonte. O outro lado de um sistema neoliberal torna-se claro quando nos concentramos nos rendimentos obtidos pelos catadores.

Rendimentos

A força motriz central por trás da coleta de resíduos sólidos não é, obviamente, o idealismo ambiental, e, sim, o mercado. Há dinheiro a ser ganho. David Wilson, Costas Velis e Chris Cheeseman (2006, p. 801) resumem o quadro: “Eles (os catadores) coletam materiais descartados como lixo e agregam valor a esses por triagem, limpeza, alterando a sua forma física para facilitar o transporte ou, pela soma de materiais, [...] em uma quantidade comercialmente viável”.

A maioria dos estudiosos afirma que os rendimentos obtidos pelos catadores são baixos por causa dos valores baixos pagos pelos intermediários. Os que ganham pouco dinheiro são principalmente os catadores de resíduos em aterros. Isso porque o local isolado onde se encontram os aterros geralmente faz com que os catadores dependam de um ou de alguns poucos compradores (MEDINA, 2000, p. 53; WILSON, VELIS e CHEESEMAN, 2006, p. 801). No entanto, alguns estudos relatam rendimentos de três ou até cinco vezes o salário mínimo (MEDINA, 2010, p. 6).

A fim de fazer uma avaliação significativa dos rendimentos, nós acreditamos que é necessário especificar o catador cuja renda está sendo estimada. No caso de Surabaya, a renda dos catadores tende a diminuir quanto mais eles operam a partir da fonte de resíduos domésticos ou quanto mais perto eles chegam ao destino dos resíduos, seja

este o aterro ou uma fábrica de processamento de materiais reciclados (COLOMBIJN, 2015). Nós podemos demonstrar este princípio geral com a ajuda de dois esboços, reconhecendo, mais uma vez, que todo o sistema de tratamento de resíduos é caracterizado por uma complexidade infinita e uma diversidade muito maior de papéis que os dois descritos aqui.

Os maiores rendimentos são obtidos por pessoas que coletam resíduos nos bairros (RT) e levam-nos para um local de recolhimento de resíduos temporário (TPS), onde tem início o processo de triagem. Estes resíduos são mais rentáveis porque quase todos os materiais de maior valor ainda estão lá. Quando os catadores separam os resíduos, o fazem de maneira muito superficial porque não vale a pena investir tempo em maior rigor⁴. Eles classificam cerca de seis diferentes categorias de resíduos sólidos e simplesmente descartam uma grande porção de materiais potencialmente recicláveis dentro dos contentores, nos quais os resíduos sólidos são transportados para o aterro sanitário pelo TPS do município.

Esses catadores, além do acesso aos resíduos sólidos que acabaram de chegar tendo, portanto, acesso aos mais valiosos –, geralmente, ainda podem selecionar o comerciante de sucata que está oferecendo o melhor preço. O rendimento dos materiais recicláveis depende dos preços de mercado (sobre os quais os catadores estão bem cientes). A venda de materiais recicláveis constitui cerca de metade de sua renda; a outra metade é uma renda fixa paga pelos bairros para a coleta de porta em porta dos resíduos sólidos. A coleta de lixo no bairro não oferece apenas uma renda estável, mas é também o acesso exclusivo a este resíduo “fresco”. Nesses pontos de coleta temporários, os catado-

⁴ A única exceção a este respeito é a coleta de copos de plástico, que podem ser facilmente separados do resto e se buscar [por eles] um preço elevado por unidade de peso.

res de lixo têm sinais visíveis de prosperidade, tais como motocicletas, telefones celulares ou tocadores de MP3.⁵

A situação é bastante diferente para as pessoas que estão empregadas por sucateiros e ajudam a separar o lixo. Os sucateiros compram resíduos sólidos dos catadores, classificam-os de forma mais pormenorizada, e vendem este material a outros que os vão processar posteriormente (mas raramente de forma direta para as fábricas que utilizam os materiais recicláveis como recursos para seus produtos). O valor agregado dessa atividade resulta de uma seleção mais específica dos materiais recicláveis. Os trabalhadores que operam para os sucateiros não classificam os resíduos em cinco ou seis cestas, como fazem os catadores de lixo no TPS, mas em cerca de quinze cestas.

Estes trabalhadores não são empresários independentes, como as pessoas que trabalham em um TPS, mas empregados e pagos de maneira fragmentada. Para alguns dos materiais separados, eles não recebem pagamento porque seus superiores reclamam que o preço de mercado e as margens de lucro são tão baixos, que não proporcionam recursos suficientes para pagar um salário aos trabalhadores. Os valores dos rendimentos relatados são consideravelmente inferiores aos dos catadores de um TPS. Mais abaixo na cadeia de resíduos, onde algumas pessoas não fazem nada além de rasgar sacos de plástico em pedaços a fim de torná-los mais fáceis de lavar, a renda é ainda menor.

Em Belo Horizonte, podemos distinguir entre catadores independentes e catadores envolvidos em cooperativas ou associações. Catadores independentes procuram os resíduos mais valiosos no centro e nas áreas mais abastadas da cidade. Em ocasiões especiais – fins de semana, desfiles de rua, mercados e outros eventos – percorrem todo

5 Para um cálculo de sua renda monetária, ver Colombijn (2015). Mas, dada a falta de confiabilidade dos dados quantitativos e a dificuldade de interpretar o valor de uma renda monetária, sinais visíveis de prosperidade são, talvez, mais reveladores do que um número redondo.

o caminho até o centro para coletar materiais leves, principalmente latas e garrafas PET. Para exemplificar, nós conversamos com uma mulher que, em uma manhã de domingo, tomaria três ônibus, implicando um percurso de duas horas até o centro da cidade, com o objetivo de coletar latas. Em Florianópolis, vimos uma mulher atravessando as principais ruas comerciais após o horário de fechamento das empresas, rasgando os sacos de lixo que tinham sido colocados na rua. Em sua busca por objetos de valor, na realidade, ela trouxe mais prejuízo do que benefícios para a limpeza da área. Em razão da desigualdade social no Brasil, o incentivo econômico para coletar resíduos informalmente funciona melhor em áreas mais prósperas, onde o lixo é o mais valioso.

Ironicamente, o maior volume de resíduos valiosos coletados no centro e áreas residenciais prósperas tem um efeito inverso no preço dos materiais recicláveis. Quanto maior o volume de resíduos oferecidos aos intermediários e depósitos que estão mais próximos ao centro da cidade, menor será a renda por quilo para o catador. Portanto, muitos catadores optam por levar o material recolhido de volta para as zonas periféricas, onde eles podem vender os materiais por um preço mais elevado. A estratégia de levar materiais recicláveis de volta para casa é a razão pela qual eles escolhem materiais leves, que podem ser levados de volta por meio de transporte público. Os catadores que estão mais organizados ou que possuem um carrinho, se especializam em materiais mais pesados, como o ferro, outros metais, papelão e papel. Carrinhos são caros e catadores independentes muitas vezes têm de dormir sob seus carrinhos esperando para vender seu produto no início da manhã. Os rendimentos para eles são muito baixos, especialmente se eles não podem acumular toneladas de materiais de uma só vez e têm que vender o material em pequenas quantidades a uma taxa inferior. A coleta de resíduos independente raramente é

uma atividade muito lucrativa. Por essa razão, muitas vezes é combinada com outras atividades informais, como serviços de limpeza ou trabalhos ligados à construção.

Catadores filiados a cooperativas podem continuar a recolher materiais recicláveis de forma independente ou, então, trabalhar em depósitos, onde o SLU entrega o lixo reciclável separado pelas famílias. Para o catador, a principal vantagem da adesão a uma cooperativa ou associação é a garantia de uma renda básica mensal. Os que trabalham de forma independente têm seus próprios espaços de trabalho e mantêm um grau de liberdade com relação ao que coletar e quando coletar. A maioria das cooperativas e associações tem o seu próprio depósito e mecanismos básicos para comprimir o material pronto para ser vendido, o que inclui, ainda, uma oficina onde fixar carrinhos, carroças ou, até mesmo, móveis, assim como lotes individuais para cada um dos trabalhadores separar os resíduos recolhidos. Os catadores são incentivados a alcançarem uma taxa de produção mínima por mês. Quando superam essa taxa, recebem uma bonificação.

Catadores que trabalham exclusivamente em depósitos têm o dever de separar e selecionar materiais recicláveis, previamente separados por famílias e recolhidos pelo SLU. Eles têm que garantir a seleção dos materiais em um ritmo eficiente, uma vez que o setor formal entrega material duas vezes por semana e o local de armazenagem é geralmente limitado. Mais uma vez, os trabalhadores mantêm um horário flexível, mas têm que coordenar o trabalho de forma eficiente com os colegas, a fim de processar todo o lixo num período estimado de tempo, antes que novos resíduos sejam depositados pelo SLU. Eles costumam separar até 15 materiais diferentes, levando em conta, também, a cor.

Como vantagem adicional de uma cooperativa, catadores podem se beneficiar de programas educacionais para eles e seus filhos, uma

rede de laços sociais e políticos, e, ainda, acesso a financiamento municipal e estadual. A maioria dos catadores que trabalham em cooperativas deixou a pobreza extrema, através da profissão de coleta de resíduos, e, agora, pode pagar uma casa, um carro e, também, um *smartphone* ou alto-falantes *Hi-Fi* para o seu próprio carrinho.

Status social

As vantagens de uma cooperativa são mais evidentes no que se refere ao status social dos catadores. Nós não vamos nos deter, aqui, no fato de que coletores de resíduos têm um status baixo em quase qualquer lugar do mundo e que este estatuto tem consequências significativas em seu trabalho. O foco recairá sobre as maneiras pelas quais os catadores lidam com este sentimento de baixo status.

As cooperativas em Belo Horizonte têm sido ativamente engajadas em reduzir o estigma associado à proximidade com o lixo e estão se envolvendo com instituições culturais e educacionais de classe média, a fim de apresentar uma imagem dos catadores como agentes ambientais que mantêm a cidade limpa e elevam a sustentabilidade da gestão de resíduos urbanos. Favorecidas pelas políticas estaduais para a inclusão sócio-econômica de catadores de lixo, muitas cooperativas e associações apresentam-se como profissionais do setor de gestão de resíduos e incentivam os trabalhadores a terem orgulho da sua função.

A cooperativa de catadores de resíduos mais antiga de Belo Horizonte, a ASMARE, tem sido uma das organizações mais ativas em buscar a cooperação com as universidades locais, artistas e designers para apresentar os catadores à sociedade mais ampla e sob uma luz diferente. Entre as muitas realizações, a ASMARE colaborou com um museu universitário, local de conhecimento e ciência, atuando como cocuradora de uma exposição sobre sustentabilidade e sobre a história

da cooperativa na cidade, mostrando as lutas pelo reconhecimento sócioeconômico, bem como o impacto ambiental na cidade.

Cooperativas de catadores de lixo foram oficialmente contratadas para gerir os resíduos durante eventos especiais, tais como a Copa do Mundo da FIFA de 2014, ou, mesmo, concertos e desfiles. Um episódio observado durante o trabalho de campo talvez possa comprovar a confiança e orgulho dos catadores de resíduos em afirmarem a importância da sua profissão. Para o Carnaval de 2014, o governo municipal não havia renovado o contrato de gerenciamento dos resíduos relativo ao evento com a ASMARE. Em resposta, catadores da ASMARE formaram um bloco – grupo de bailarinos e músicos – e participaram do desfile tradicional do Carnaval vestindo roupas e portando banners decorados com guirlandas feitas a partir de materiais reciclados, reivindicando a presença dos trabalhadores durante o evento, através de slogans e canções.

O bloco da ASMARE, como qualquer parada de orgulho, demonstrou o desejo de ser plenamente aceito como uma categoria ainda marginalizada. A participação alegre no desfile e o entusiasmo do público mostra que esses protestos estão mudando de uma reivindicação social para o âmbito político e econômico. Em uma sociedade onde a ocupação determina o grau de respeitabilidade de uma pessoa, catadores que trabalham em cooperativas usam seus uniformes com orgulho e senso de coletividade (BRUBAKER e COOPER, 2000, p. 19-21).

A situação em Surabaya é muito menos otimista. O município lançou uma campanha “Surabaya verde e limpa” e alguns de seus mais novos caminhões de lixo são adornados com o slogan em inglês “seja ambientalmente responsável, seja verde”. Entretanto, na prática, esta campanha se concentra mais em parques e outros espaços verdes na cidade do que em resíduos sólidos. Abidin Kusno (2011), referin-

do-se a Jacarta, argumentou que um discurso ambientalista tem sido abraçado pelo governo, promotores imobiliários, moradores kampong e de classe média, mas todos por razões estratégicas e não por uma preocupação sincera com o meio ambiente. Podemos concluir, a partir desta governamentalidade verde em Jacarta e do slogan “verde e limpo”, em Surabaya, que um discurso ambiental foi aceito, mas isso não resultou em uma apreciação positiva dos catadores, ou seja, em Surabaya, a contribuição dos catadores ao ambiente urbano passa despercebida.

Os catadores de lixo em Surabaya estão conscientes do seu baixo status social e buscam maneiras de lidar com isso. Por exemplo, eles trocam de roupa antes de irem para casa, pois não querem que as pessoas os vejam pela roupa e percebam pelo cheiro o seu trabalho com o lixo. Embora tenhamos presenciado uma autoconfiança ao falarem sobre o próprio trabalho, eles geralmente esperam que seus filhos consigam um emprego de maior prestígio. Mais de uma vez nossos interlocutores fizeram uma comparação entre seu próprio trabalho e o ato de roubar ou dedicar-se a um trabalho sexual, referindo-se à coleta de resíduos como um trabalho que é, pelo menos, halal. Halal é um conceito islâmico relativo a “limpo” e “não poluído”, e nós nunca encontramos pessoas de outros postos de trabalho que manifestaram espontaneamente o impulso para descrever seu trabalho em tais termos. Em suma, em contraste com os catadores de lixo de Belo Horizonte, cujo sentimento é de que pelo menos algumas pessoas da classe média apreciam a sua contribuição para uma cidade habitável, os catadores de lixo em Surabaya devem renunciar a esta recepção positiva.

Conclusão

Neste texto, partindo de uma comparação entre Belo Horizonte (Brasil) e Surabaya (Indonésia), abordamos os impactos da formalização da coleta de resíduos por meio das cooperativas sobre o trabalho dos catadores. Vimos que a ASMARE oferece um braço protetor para os catadores de lixo de Belo Horizonte. Os trabalhadores recebem uma renda garantida e estão protegidos contra o pior demérito social. A desvantagem da cooperativa é um controle mais rigoroso e, a este respeito, gostaríamos de fazer referência a uma cooperativa de catadores no Rio de Janeiro, onde a formalização de vendas e de trabalho resultou na tributação pelo governo (CARMO e PUPPIM DE OLIVEIRA, 2010, p. 1264).

Contrastando com Belo Horizonte, em Surabaya, a recolha de resíduos e reciclagem de recursos parece ser dirigida de forma eficaz pela mão invisível de um mercado aberto e os catadores de resíduos melhor posicionados obtêm rendas mais substanciais. O outro lado das condições do mercado liberal em Surabaya é a exploração dos catadores que se encontram em posições menos rentáveis na cadeia de resíduos. Este é o capitalismo em sua forma mais dura. Além disso, os catadores em Surabaya não estão protegidos contra o desprezo público.

A comparação entre catadores de lixo de Belo Horizonte e Surabaya ajuda a entender melhor a razão pela qual muitos catadores brasileiros ficam de fora de uma cooperativa e, neste ponto, pode ser útil estender a comparação com garimpeiros brasileiros. Marjo de Theije e Ellen Bal (2010, p. 68), voltando a atenção para pequenos garimpeiros brasileiros no Suriname, observaram que “a ausência de uma comunidade muito unida, a falta de fixação [...] permite a liberdade individual e abre várias novas possibilidades”. Os mineiros de ouro e catadores desorganizados seguem um princípio geral, no qual as pes-

soas que voluntariamente desistem de vínculos de proteção podem chegar a “novos níveis de liberdade” (LEE, 2005, p. 67).

Thomas Hylland Eriksen colocou a questão de forma sucinta: o oposto da segurança humana não é apenas – e talvez nem mesmo em primeiro lugar –, a insegurança, mas a liberdade (2010). Entretanto, assim como não devemos esperar que todo mundo coloque a segurança como um objetivo desejável, não devemos pressupor que todo mundo prefira mais liberdade, porque a liberdade implica “risco envolvido” (SALEMINK, 2010, p. 285). Os catadores de resíduos de Belo Horizonte ao menos têm escolha entre o braço protetor de ASMARE ou a mão invisível do mercado totalmente livre. Já os catadores de lixo em Surabaya não podem se dar ao luxo de alguma escolha, estando condenados a trabalhar sob condições estritamente capitalistas.

Referências

- BRUBAKER, Rogers; COOPER, Frederick. “Beyond “identity”. Theory and Society”. *Springer Netherlands*, v. 29, n. 1, p. 1-47, fev. 2000.
- DO CARMO, Maria Scarlet; PUPPIM DE OLIVEIRA, Jose Antonio. “The Semantics of Garbage and the organization of the recyclers: Implementation challenges for establishing recycling cooperatives in the city of Rio de Janeiro, Brazil. Resources, Conservation and Recycling”. *Elsevier*, v. 54, n. 12, p. 1261-1268, out. 2010.
- COLEMAN, James S. “Social capital in the creation of human capital. American Journal of Sociology”. The University of Chicago Press, v. 94, p. 95-p. 120, 1988.
- COLOMBIJN, Freek. *Getting stuck in a flow: The lack of social mobility of waste pickers in Surabaya, Indonesia*. Paper for the workshop ‘Waste and the superfluous: precarious living amidst worlds of waste’, Oslo, 14-15 set. 2015.

- DIAS, Sonia. “Integrating informal workers into selective waste collection: The case of Belo Horizonte, Brazil”. *WIEGO Policy Brief (Urban Policies)*. n. 4, p. 1-12, mai. 2011.
- ERIKSEN, Thomas Hylland. “Human security and social anthropology”. In: ERIKSEN, T. H. et al. (Orgs). *A world of insecurity: Anthropological perspectives on human security*. London and New York: Pluto Press, 2010. p. 1-19.
- GUTBERLET, Jutta. “Solidarity economy and recycling co-ops in São Paulo: Micro-credit to alleviate poverty. Development in practice”. *Taylor & Francis*, v. 19, n. 6, p. 737-751, ago. 2009.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Disponível em <<http://cod.ibge.gov.br/31Z>>. Acesso em: 24 out. 2013.
- KUSNO, Abidin. “The green governmentality in an Indonesian metropolis”. *Singapore Journal of Tropical Geography*. National University of Singapore and Blackwell Publishing Asia Pty, v. 32, n. 3, p. 314-331, nov. 2011.
- LEE, Raymond L. M. “Bauman, liquid modernity and dilemmas of development”. Thesis Eleven. Sage publications, v. 83, n. 1, p. 61-77, nov. 2005.
- LIN, Nan. “Building a network theory of social capital”. *Connections*. v. 22, n. 1, p. 28-51, 1999.
- LINDBLAD, Thomas J. *Bridges to new business: The economic decolonization of Indonesia*. Leiden: KITLV Press, 2008.
- MEAGHER, Kate. Social capital or analytical liability? Social networks and African informal economies. *Global networks*. V. 5, p. 217-238, 2005.
- MEDINA, Martin. “Scavenger cooperatives in Asia and Latin America”. *Resources, conservation and recycling*. v. 31, p. 51-69, 2000.
- _____. “Solid waste, poverty and the environment in developing countries. Challenges and opportunities”. UNU-WIDER Working

paper 2010/23, [n.p.]. United Nations University. World Institute for Development and Economic Research, 2010.

NAS, Peter J.M.; JAFFE, Rivke. “Informal waste management: Shifting focus from problem to potential”. *Environment, Development and Sustainability*. v. 6, p. 337-353, 2004.

PORTER, Gina; LYON, Fergus. “Social capital as culture? Promoting cooperative action in Ghana”. In: RADCLIFFE, Sarah. A. (Org.). *Culture and development in a globalizing world: Geographies, actors, and paradigms*. London and New York: Routledge, 2006. p. 150-169.

PORTES, Alejandro. “Social capital: Its origins and applications in modern sociology”. *Annual Review of Sociology*. v. 24, p. 1-24, 1998.

RIGG, Jonathan. *An everyday geography of the global south*. London and New York: Routledge, 2007.

SALEMINK, Oscar. “Ritual efficacy, spiritual security and human security: Spirit mediumship in contemporary Vietnam”. In: ERIKSEN, T. H. et al. (Orgs.). *A world of insecurity: Anthropological perspectives on human security*. London and New York: Pluto Press, 2010. p. 262-289.

SCOTT, James C. *Weapons of the weak: everyday forms of peasant resistance*. New Haven and London: Yale University Press, 1985.

SOMERVILLE, Peter. *Understanding community: Politics, policy and practice*. Bristol: The Policy Press, 2011.

THEIJE, Marjo de; BAL, Ellen. “Flexible migrants: Brazilian gold miners and their quest for human security in Surinam”. In: ERIKSEN, T. H. et al. *A world of insecurity: Anthropological perspectives on human security*. London and New York: Pluto Press, 2010. p. 66-85.

WILSON, David C.; VELIS; Costas; CHEESEMAN, Chris. “Role of informal sector recycling in waste management in developing countries”. *Habitat International*. v. 30, p. 797-808, 2006.

WILSON, David C. et al. “Building recycling rates through the informal sector”. *Waste Management*. v. 29, p. 629-635, 2009.